

CRISE DOS MERCADOS

País deve diminuir dependência externa, diz Malan

Para ministro, é preciso aumentar participação da poupança interna no processo de desenvolvimento

JÕ GALAZI

RIO – Embora tenha declarado confiar na capacidade de o Brasil conseguir financiar o seu déficit externo com investimentos estrangeiros, o ministro da Fazenda, Pedro Malan, disse ontem que os países precisam depender menos da poupança externa para promover o seu desenvolvimento. Desde outubro do ano passado, afirmou, o governo vem alertando para a necessidade de alterar a relação entre a poupança externa e interna no financiamento do desenvolvimento brasileiro.

O ministro fez uma palestra na Escola de Guerra Naval, no Rio, e em entrevista após a conferência citou números relativos aos investimentos estrangeiros produtivos como sinal de confiança da comunidade internacional. “O Brasil e a China são os países que mais inspiram confiança para os investimentos no setor produtivo”, afirmou.

Tanto é assim, frisou, que no período de 12 meses findo em 31 de julho, entraram no País investimentos diretos que somaram US\$ 19,3 bilhões e nos sete meses deste ano ingressaram US\$ 11,1 bilhões. Ele assinalou que esses recursos financiaram 61% do déficit externo do País. Mais: destacou que dois terços desse dinheiro não são relacionados com privatizações. Ou seja, resultaram de decisões tomadas por empresas estrangeiras que se dispuseram a começar a atuar no País ou a ampliar a sua participação na economia brasileira.

O ministro deixou claro, as-

sim, que não há alarme com a redução esperada nas entradas decorrentes de privatizações – que devem cair em 99, ano em que o déficit externo a ser coberto deverá se situar em torno de US\$ 33 bilhões. O País, afinal, poderia continuar contando com investimentos de longo prazo que ingressariam fora de leilões. Em seu entender, mesmo com a expectativa de queda no crescimento da economia mundial, o fluxo de recursos para investimentos produtivos não deverá sofrer prejuízo.

O mais importante mesmo, contudo, na avaliação do ministro, é elevar o peso da poupança doméstica no financiamento do desenvolvimento nacional. Ele lembrou que existem duas fontes de poupança interna: a poupança privada, que está aumentando, e a poupança pública, que no caso brasileiro é uma depoupança, frisou, já que o País

RECURSO
EXTERNO
FINANCIOU 61%
DO DÉFICIT

tem um déficit público consolidado. Para ele, o desafio, portanto, neste e nos próximos anos, é o de reduzir o déficit público e o governo se tornar um poupador. O ministro voltou a dizer que, em termos acumulados, o executivo federal, excluindo a Previdência Social, tem tido superávit.

C-Bonds – Malan disse que não causa grandes preocupações o desempenho das cotações dos C-Bonds, que são títulos brasileiros de dívida externa negociados no mercado internacional. Segundo o ministro, 200 anos de história financeira mostram que os mercados tendem a ter um comportamento “de rebanho ou de manada”: vão todos na mesma direção, comprando quando todos compram e vendendo quando todos vendem. “Os governos é que não podem se deixar levar pelo instinto de manada”, explicou.



Malan: baixa na cotação dos C-Bonds não causam grande preocupação

Agilberto Lima/AE